

FORMAR-SE PROFESSORA EM UM GRUPO DE PESQUISA: REFLEXÕES NARRATIVAS QUE SE CRUZAM

Roberta de Oliveira Barbosa¹

 ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-5720-232X>

Harryson Júnio Lessa Gonçalves²

 ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0001-5021-6852>

Paulo Gabriel Franco dos Santos³

 ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-8151-5334>

RESUMO

O artigo apresenta um estudo reflexivo acerca do papel formativo de um Grupo de Pesquisa em Currículo na formação inicial de uma professora graduanda do curso de Ciências Biológicas. Para tal, o artigo, inicialmente, discute o papel formativo da pesquisa por meio de (auto)narrativas, escolha metodológica da pesquisa realizada. Foram elaboradas cinco (auto)narrativas escritas olhando para memórias e relação com o Grupo de pesquisa a partir de temáticas apresentadas por outros participantes do Grupo via formulário eletrônico. Com base nas análises e reflexões sobre o conteúdo que foi elaborado para a pesquisa se discute qual a experiência de formação proporcionada pelo Grupo de pesquisa, e como as aprendizagens da docência e da pesquisa vivenciadas no Grupo influíram na formação inicial de uma professora.

Palavras-chave: Formação Inicial de Professores; Grupo de Pesquisa; (Auto)narrativas; Currículo.

1

TEACHER EDUCATION IN A RESEARCH GROUP: CROSSED NARRATIVES REFLECTIONS

ABSTRACT

The article presents a reflective study about the formative role of a Curriculum Research Group in the initial training of a graduate student in the Biological Sciences course. To this end, the article initially discusses the formative role of research through (self) narratives, methodological choice of the research carried out. Five (self) written narratives were elaborated looking at memories and relationship with the research group based on themes presented by other participants of the group via electronic form. Based on the analysis and reflections on the content that was developed for the research, it is discussed what the training experience provided by the Research Group, and how the learning of teaching and research lived in the group influenced the initial training of a teacher.

Keywords: Initial Teacher Education; Research group; (Self)narratives; Curriculum.

¹ Licenciada em Ciências Biológicas e Mestranda em Ensino e Processos Formativos pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Engenharia – Câmpus de Ilha Solteira, Ilha Solteira, São Paulo, Brasil. Endereço para correspondência: Avenida Brasil Sul, 56, Centro, Ilha Solteira, São Paulo, Brasil, CEP: 15385-000. E-mail: oliveira.barbosa@unesp.br.

² Livre-docente em Didática e Currículo pela Universidade Estadual Paulista (Unesp). Doutor em Educação Matemática pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Pedagogo e mestre em Educação pela Universidade de Brasília (UnB). Professor Associado da Faculdade de Engenharia da Unesp – Câmpus de Ilha Solteira, Ilha Solteira, São Paulo, Brasil. Endereço para correspondência: Av. Brasil, 56 Centro, Ilha Solteira, São Paulo, Brasil, CEP: 15.385-000. E-mail: harryson.lessa@unesp.br.

³ Doutor em Educação para a Ciência pela Unesp, Faculdade de Ciências de Bauru. Professor Adjunto da Universidade de Brasília (UnB), Faculdade UnB Planaltina, Brasília, Distrito Federal, Brasil. Endereço para correspondência: Área Universitária, 01, Vila Nossa Senhora de Fátima (Planaltina), Brasília, Distrito Federal, Brasil. CEP: 73345-010. E-mail: paulosantos@unb.br.

FORMAÇÃO DO PROFESSORADO EM UM GRUPO DE INVESTIGAÇÃO: REFLEXÕES NARRATIVAS QUE CRUZAM

RESUMEN

El artículo presenta un estudio reflexivo sobre el papel formativo de un Grupo de Investigación Curricular en la capacitación inicial de un estudiante graduado en el curso de Ciencias Biológicas. Con este fin, el artículo discute inicialmente el papel formativo de la investigación a través de (auto) narrativas, elección metodológica de la investigación realizada. Se elaboraron cinco narraciones (auto) escritas mirando los recuerdos y la relación con el Grupo de investigación sobre la base de temas presentados por otros participantes del Grupo a través de un formulario electrónico. Sobre la base de los análisis y reflexiones sobre el contenido que se desarrolló para la investigación, se discute cuál fue la experiencia de capacitación proporcionada por el Grupo de Investigación y cómo el aprendizaje de la enseñanza y la investigación vivida en el Grupo influyó en la capacitación inicial de un maestro.

Palabras clave: Formación Inicial de Profesores; Grupo de Investigación; (Auto)narrativas; Currículum.

“CAMINHO, E A MIM PERGUNTO, NA VERTIGEM: – QUEM SOU? PARA ONDE VOU? QUAL MINHA ORIGEM?”⁴

A escolha de um curso de Graduação, logo ao término do Ensino Médio, não foi um processo fácil para mim⁵. As impossibilidades financeiras de mudar para outra cidade, para iniciar minha trajetória formativa, direcionaram meu olhar para as opções da Universidade Estadual Paulista (Unesp), que tem um câmpus na cidade de Ilha Solteira (Faculdade de Engenharia de Ilha Solteira). Havíamos, eu e minha família, mudado há pouco tempo para essa cidade, para que eu pudesse cursar o Ensino Médio na Escola Técnica Estadual, visando um preparo maior para os vestibulares. Escolhi, então, prestar vestibular para o curso de Ciências Biológicas, sem saber ao certo se faria bacharelado ou licenciatura, ou mesmo sem ter uma definição clara de cada modalidade. No decorrer do curso, comecei atuar em um projeto de extensão em educação ambiental, que foi decisivo para minha opção pela licenciatura. Optar pela carreira docente não parecesse brilhar os olhos da maioria dos ingressantes, mesmo nas licenciaturas, mas as disciplinas obrigatórias e optativas que cursei fizeram florescer em mim o interesse pela pesquisa em educação e ensino.

Na universidade, há três cursos de Licenciatura (Ciências Biológicas, Física e Matemática) e um Grupo de Pesquisa em Currículo (Grupo de Pesquisa em Currículo: Estudos, Práticas e Avaliação), que congrega, além de professores em exercício, alunos de pós-graduação e estudantes das três licenciaturas. O currículo da Licenciatura em

⁴ Trecho de “Poema Negro”, de Augusto dos Anjos.

⁵ Neste trabalho, alternamos o uso das primeiras pessoas do singular e do plural. Ao utilizarmos a primeira pessoa do plural, generalizamos as vozes dos articulistas; ao passo que o uso da primeira pessoa do singular especifica a voz da autora das autonarrativas.

Ciências Biológicas passou por uma série de mudanças nos últimos anos devido à recente oferta da modalidade de bacharelado, em 2012, que levou à adequação do currículo antes deficitário em disciplinas de formação pedagógica, bem como a contratação de novos professores para a área. Ao final do primeiro ano de graduação, o estudante deve optar pela modalidade Bacharelado, Licenciatura ou por cursar ambas concomitantemente. Eu optei por cursar ambas as modalidades devido à incerteza de qual carreira seguir.

Vinculei-me ao GEPAC no ano de 2015, após o convite de um dos líderes do Grupo. Na época, estava começando a encantar-me pela Licenciatura e, apesar de ainda não desenvolver projetos na área, passei a aproximar-me de estudantes e de pesquisadores vinculados ao Grupo, bem como de teorias e de estudos pertinentes. Após o vínculo estabelecido e o envolvimento com projetos de pesquisa em ensino e em educação, optei por dedicar-me, exclusivamente, à licenciatura. Cabe ressaltar que, além do impulso pessoal que motiva a participação do estudante de graduação em Grupos de Pesquisa, o Projeto Pedagógico do Curso de Ciências Biológicas, na modalidade licenciatura, apresenta em seus objetivos gerais a importância da participação em tais Grupos (UNESP, 2011).

Como participante do Grupo passei a dedicar-me à pesquisa em Educação, voltando sempre o olhar para questões de diversidade e identitárias, temas que perpassam minha percepção de mim. Durante a graduação, vinculei-me a coletivos de gênero e de sexualidade, nos quais construí parte do meu aporte teórico e construí minha identidade, reconhecendo-me enquanto mulher, professora e pesquisadora conforme começava a compreender estrutura social na qual nasci, cresci e formei-me academicamente, e como os papéis de gênero e as coerções sociais, que fazem parte da dinâmica social, historicamente, construída, limitavam a expressão de quem sou. Nesse processo, fui tomando consciência das marcas de opressão vivenciadas e observadas durante a vida, resignificando dores e memórias e compreendendo minha autodeterminação de trabalhar com tais temas.

Com o suporte do Grupo, iniciei e finalizei projetos de pesquisa que se dedicavam a estudar essas temáticas nos currículos escolares e, mais tarde, atuei (e ainda atuo) em Núcleos que realizam ações de extensão nas escolas e na comunidade, com ações educativas e de acolhimento, como, por exemplo, (i) mesas-redondas mensais, (ii) eventos que objetivam dar visibilidade e criar um espaço de discussão para questões de etnia e de gênero, (iii) reuniões abertas e de recepção aos ingressantes e (iv) estudos dirigidos de artigos e livros. Olhar para minhas memórias com o Grupo de Pesquisa, indissociáveis de minha identidade e vida pessoal, trouxeram-me até os resultados apresentados neste artigo, os quais advêm da produção e da análise de (auto)narrativas, elaboradas com o intuito de compor meu trabalho de conclusão de

curso, sob orientação de um dos líderes do Grupo, que me orientou em outras pesquisas, por quem desenvolvi grande carinho e amizade nos últimos anos compartilhados em tantos espaços, e pelo querido amigo de longa data, com o qual além de momentos de amizade e de luta em coletivos compartilhei vivências no espaço do Grupo de pesquisa e de amistosa orientação.

Assim, este trabalho surge da evocação das memórias para a elaboração de narrativas e, posterior, análise, no sentido de buscar compreender como o Grupo de pesquisa do qual fiz parte nos últimos quatro anos influenciou no processo de formação inicial de professora de biologia que vivenciei durante a graduação.

“DO OBSERVATÓRIO EM QUE EU ESTOU SITUADO”⁶

Para atingir o objetivo proposto pela pesquisa de trabalho de conclusão de curso, voltei o olhar para minhas experiências no Grupo de pesquisa, ao qual me vinculei em 2015. Na ocasião, cursava uma disciplina optativa ministrada por um dos seus líderes denominada “Tópicos especiais em teoria de currículo”.

O Grupo foi certificado no ano de 2013⁷ e, até a redação deste texto, em 2018, para meu trabalho de conclusão de curso, atuava em quatro linhas de pesquisa, a saber: (i) Avaliação Curricular; (ii) Currículo e Tecnologias: Interfaces; (iii) Diversidade: Sujeitos e Culturas; e (iv) Educação Comparada. Contava com três instituições parceiras (*Central Michigan University*, Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará e ETEC de Ilha Solteira), além de estar vinculado ao Programa de Pós-graduação em Educação para a Ciência (Unesp, Faculdade de Ciências, Bauru) e ao Programa de Pós-Graduação em Ensino e Processos Formativos, que se apresenta como Interunidades⁸. No programa Interunidades, cursei disciplinas durante minha graduação, como aluna especial. Em 2019, vinculei-me como aluna regular.

Cabe ressaltar que a maior parte dos estudantes vinculados ao Grupo está na graduação, seguida por alunos mestrados e doutorandos vinculados a esses programas e, também, por alunos oriundos da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) e da Universidade de São Paulo (USP), além de diversos professores da rede, o que indica a importância do Grupo tanto na formação de professores pela Unesp de Ilha Solteira, quanto na formação de professores promovida por outras instituições de ensino superior.

⁶ Trecho de *Tristezas de um quarto minguante*, de Augusto dos Anjos.

⁷ Disponível em <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/4551766380179817>. Acesso em 20 jul 2020.

⁸ O programa está vinculado aos câmpus da Unesp em São José do Rio Preto, em Ilha Solteira e em Jaboaticabal, conforme aponta a Resolução Unesp n. 38, de 5 de junho de 2018. Disponível em <https://www.ibilce.unesp.br/Home/Pos-Graduacao475/ensinoeprocessosformativos5360/resolucoes-38-2018.pdf>. Acesso em 13 jul 2020.

Nas reuniões mensais do Grupo de pesquisa, são discutidas teorias curriculares, da educação, de modo geral, além de fundamentos sociológicos e filosóficos, tensões vivenciadas pelos sujeitos do Grupo no exercício da docência e no contexto escolar, discutidas mudanças educativas consolidadas ou em curso e apresentados aos pares projetos de pesquisa em conclusão ou em desenvolvimento. Destaco ainda outras ações desenvolvidas por iniciativa do Grupo, a saber: (i) o Projeto Núcleo Negro da Unesp para Pesquisa e Extensão (NUPE); (ii) o Núcleo Afro-Brasileiro e Indígena de Ilha Solteira (Nabisa), que desenvolve ações diversas de afirmação da identidade e valorização da cultura negra e indígena em Ilha Solteira; e (iii) o Núcleo de Apoio e Discussão de Gênero e Sexualidade (Nugens), ao qual me vinculei logo em sua criação, em setembro de 2017. Nele, atuei, diretamente, em dois projetos de extensão do Nugens e na organização de suas ações educativas. Os Núcleos constituem-se como importantes espaços de discussão e de formação para os alunos da FEIS, organizando cursos de extensão e eventos abertos às comunidades interna e externa.

“DE ONDE ELA VEM?! DE QUE MATÉRIA BRUTA / VEM ESSA LUZ QUE SOBRE AS NEBULOSAS / CAI DE INCÓGNITAS CRIPTAS MISTERIOSAS / COMO AS ESTALACTITES DUMA GRUTA?!”⁹

5

De acordo com Cavalcante, Silva e Cavalcante (2017), a ciência moderna é impregnada de racionalidade, devido à herança histórica da tradição positivista, que teve forte influência nos métodos experimentais das ciências físicas e biológicas, definindo-lhes pressupostos de objetividade e de neutralidade científica. Esses pressupostos definiram a história das ciências humanas, a qual, por muito tempo, foi marcada pelo distanciamento entre o objeto de pesquisa e o pesquisador. De acordo com os autores, esse pensamento precisa ser superado nas ciências humanas e o sujeito pode ser colocado como protagonista de sua formação e do processo investigativo.

Dessa forma, as narrativas autobiográficas constituem-se como importantes instrumentos de investigação sobre a formação de professores, pois são capazes de evidenciar questões de subjetividade, suas experiências de vida e sua trajetória de formação. Por acreditar na necessidade de superação dos pressupostos modernos citados pelos autores, em especial no que diz respeito a investigação de processos de formação de professores, de modo a dar voz para os sujeitos que protagonizam esse processo, a metodologia e referenciais teóricos para a pesquisa foram determinados. Apesar dos desafios de pesquisar, a partir de (auto)narrativas em um movimento não

⁹ Trecho de "A ideia", de Augusto dos Anjos.

comum a pesquisa científica moderna, este trabalho busca produzir conhecimentos, que se baseiam em modelos anteriormente propostos, nos quais a expressividade em pesquisas em educação vem destacando-se nos últimos anos. O caráter formativo da escrita e da pesquisa, nos modelos propostos, proporcionou-me durante todo o processo investigativo me formar enquanto refletia sobre meu processo de formação.

De acordo com Araújo (2014), no ato de escrever, o sujeito constitui-se em si e em seus sentimentos, implicando, então, em uma construção autopoietica do ser humano, expressa nas diferentes narrativas que o sujeito faz de si mesmo. Para Flusser (2010), a escrita, enquanto caminho para o ato de refletir, ainda [e um processo de complexificação do ser humano, de significar, ressignificar e transformar constantemente sua existência como humano em relação aos demais.

Escrever não é apenas um gesto reflexivo, que se volta para o interior, é também um gesto (político) expressivo, que se volta para o exterior. Quem escreve não só imprime algo em seu interior, como também o exprime ao encontro do outro (FLUSSER, 2010, p. 21).

No que diz respeito à elaboração da identidade, indissociável da formação docente, Alves, Calsa e Moreli (2015) afirmam tratar-se de um processo que

[...] requer revisão, tomada de consciência e auto-avaliação constantes. Assim também, a identidade docente se constrói através das relações deste com o meio, dos interesses pessoais, das exigências que lhes são postas ao longo de sua trajetória; as experiências coletivas, as relações de poder, a própria prática. Daí a importância de investigar a formação dos professores por meio de uma abordagem intersubjetiva do processo de formação. Perspectiva essa que tem sinalizado a importância de resgatar e incorporar o pessoal aos processos de formação do professor, diferentemente das tradicionais abordagens centradas exclusivamente nas aprendizagens acadêmicas (ALVES; CALSA; MORELI, 2015, p. 77).

Para Araújo (2014), as (auto)narrativas são relatos de autoria, nos quais a pessoa é autora e, ao mesmo tempo, é narradora. Nesse sentido, difere-se das narrativas de valor estético, nas quais o narrador é um personagem criado pelo autor. Esse processo de autoria ocorre, então, quando o sujeito observa a si mesmo, com a necessidade de entender-se. Dessa forma, o autor e o narrador são a mesma figura e relatam suas experiências pessoais em um processo, no qual ele se permite apropriar de seus sentimentos e de suas vivências, significando-os e tornando-se mais consciente de suas transformações.

As narrativas como metodologia de pesquisa valorizam e exploram as dimensões pessoais dos sujeitos, seus afetos, sentimentos e trajetórias de vida, e levam à percepção da complexidade das interpretações que os sujeitos pesquisados fazem de suas experiências e ações, sucessos e fracassos e dos problemas que enfrentam. Por sua vez, a investigação

narrativa recorre às explicações dadas pelos indivíduos para entender as causas, intenções e objetivos que estão por trás das ações humanas (SANTOS; GARMS, 2014, p. 4104).

Gastal e colaboradores (2010) identificaram que, a partir da produção de narrativas por licenciandos de ciências biológicas, emergem aspectos da subjetividade, que dão sentido a experiência vivida, contribuindo para a formação do professor e para a autocompreensão, reconstruindo sua trajetória formativa. Gastal e Avanzi (2015) afirmam que a reflexão pela narrativa permite a ressignificação de vivências anteriores e que a narrativa de estudantes de licenciatura em ciências biológicas é um método de pesquisa sobre o percurso formativo, sendo via de acesso para os estudantes dos aspectos subjetivos que compõem sua formação, evidenciando a importância da subjetividade como categoria analítica em estudos sobre formação.

A importância das (auto)narrativas, não só para a pesquisa em educação, como, também, para a formação do próprio sujeito, sintetiza-se na reflexão de Larrosa (2002), em suas “notas sobre a experiência e o saber de experiência”, ao afirmar que

[...] as palavras produzem sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação. Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco (LARROSA, 2002, 20-21).

7

Cabe ressaltar que o modelo de pesquisa pouco explorado durante minha formação, que teve como referências majoritariamente modelos tradicionais de pesquisa, marca das ciências da natureza, foi desafiador, e talvez por isso nesse primeiro contato com a pesquisa (auto)biográfica para meu trabalho de conclusão de curso, os pressupostos de neutralidade ainda permeiem minha escrita.

“TOME DR., ESTA TESOU, E... CORTE / MINHA SINGULARÍSSIMA PESSOA”¹⁰

Após participar de projetos de pesquisas e de projetos de extensão, bem como diversas ações do Grupo, aproximei-me da pesquisa qualitativa em educação, com enfoque em questões identitárias. Questões essas que me levaram a uma busca pela compreensão de que forma participar do Grupo de pesquisa no contexto da Graduação em Licenciatura em Ciências Biológicas contribuiria para minha formação. Para tal, após o contato com a pesquisa autobiográfica por meio da apresentação da dissertação de mestrado de uma colega de Grupo, delineei, junto a meus orientadores, o seguinte problema de pesquisa: *Qual é o papel formativo de um Grupo de Pesquisa*

¹⁰ Trecho de “Budismo moderno”, de Augusto dos Anjos.

em Currículo na formação inicial de uma professora graduanda do curso de Ciências Biológicas da Unesp de Ilha Solteira?

Dessa forma, o objetivo geral do presente artigo foi desenvolver um estudo reflexivo sobre o papel formativo do Grupo de Pesquisa em Currículo, na formação inicial de uma professora graduanda do curso de Ciências Biológicas da Unesp de Ilha Solteira. Realizamos um levantamento prévio com o intuito de entrar em contato com os elementos que se destacaram na experiência de formação dos colegas de Grupo. O realce desses pontos luminosos da experiência de formação foram base de tematização para a escrita de minhas narrativas. Tal levantamento foi realizado por meio de formulário eletrônico, divulgado para os membros do Grupo, com uma apresentação do propósito, para preenchimento voluntário. Os dados coletados por meio do formulário foram tematizados de forma a tentar identificar sobre qual aspecto da formação os participantes referiam-se em suas narrativas. Então, a partir dos temas, o olhar voltou-se para as palavras potentes que apareciam com maior frequência nas respostas buscando identificar elementos unificadores para o movimento de análise, conforme proposto por Bolívar (2003). Os temas delineados foram (i) a constituição do sujeito pesquisador, (ii) a constituição do sujeito professor e (iii) a construção da identidade/subjetivação. Tais temas embasaram a construção das (auto)narrativas, construídas pela metodologia da primeira pessoa visando à inclusão do observador no sistema observado.

Procedemos a uma análise narrativa (de (auto)narrativas), conforme proposto por Bolívar (2003), buscando compreender qual o papel formativo do Grupo e das experiências provenientes da participação no Grupo. O produto da análise configura-se, então, como uma nova narrativa, capaz de explicitar argumentos que tornam os dados analisados significativos, por meio da busca de elementos unificadores, através de uma trama temporal ou temática, que possibilite a compreensão do contexto analisado (BOLIVAR, 2003).

“CANSADA DE OBSERVAR-SE NA CORRENTE / QUE OS ACONTECIMENTOS REFLETIA, / RECONCENTRANDO-SE EM SI MESMA, UM DIA, / A NATUREZA OLHOU-SE INTERIORMENTE!”¹¹

Buscando atender ao objetivo da pesquisa proposta, disponibilizamos, aos integrantes do Grupo, um formulário eletrônico, conforme descrito anteriormente, de adesão voluntária, composto por duas questões abertas, a saber: (i) *ao pensar em suas*

¹¹ Trecho de "Natureza íntima", de Augusto dos Anjos.

experiências como parte do Grupo de pesquisa, quais momentos vivenciados no contexto do Grupo se destacam em suas lembranças que você considera importantes para sua formação? De alguma forma esses episódios modificaram sua perspectiva do ato de ensinar e/ou pesquisar? Se sim, como? (ii) no que se refere às contribuições teóricas do Grupo de pesquisa, em linhas gerais, quais leituras, discussões, ou outra forma de contato com a teoria foram mais significativas para sua formação?

O formulário foi preenchido por dez membros do Grupo e, a partir da leitura das respostas, elaborados três temas centrais. Dentro dos quais identificamos, também, as palavras potentes que aparecem com frequência nas respostas e nas memórias pessoais, visando entender quais os pontos luminosos que se destacaram na experiência de formação proposta pelo Grupo de pesquisa.

Os dados analisados indicam um expressivo papel do Grupo na constituição do sujeito-pesquisador; temática de análise essa com maior frequência de ocorrência nas questões propostas ao Grupo, seguida da construção da identidade/subjetivação. As três temáticas não se desvinculam, aparecendo, na maioria das vezes, de maneira contínua nas respostas analisadas. Continuidade essa que parece indicar a indissociabilidade da formação do professor e do pesquisador no contexto, aqui, discutido. No que diz respeito às contribuições teóricas mencionadas, sete das dez respostas da segunda questão proposta contêm elementos da Teoria Crítica da Sociedade. Trata-se de uma abordagem teórica adotada pelo Grupo e que se debruça na leitura e na discussão de teóricos da escola de Frankfurt, indicando ser essa contribuição teórica um ponto de convergência, encarado como significativo para a formação dos membros do Grupo. Ainda, esse é um elemento de constituição do sujeito professor em três das cinco ocorrências nessa temática para primeira questão, e em uma das duas ocorrências nessa temática para a segunda questão proposta ao Grupo.

No que diz respeito à temática de constituição do sujeito pesquisador, quatro das dez ocorrências da primeira resposta relacionam-se à apresentação de projetos em andamento ao Grupo de pesquisa e três das seis ocorrências nessa temática para a segunda questão, também, referem-se aos momentos da partilha dos projetos e das contribuições do Grupo, o que indica a relevância das dinâmicas do Grupo e como se configuram em sua agenda formativa. O Grupo é composto por graduandos, por pós-graduandos e por professores; dessa forma, a coletividade e a diversidade de pessoas sempre são mencionadas nas respostas.

Além das respostas dos pares do Grupo, elaboramos cinco (auto)narrativas, que se seguem, com comentários, a fim de ilustrar de que maneira as memórias são apresentadas e como influenciaram minha formação, bem como suas convergências com os olhares do Grupo acima apresentados, iniciando o movimento de análise dos

dados e buscando contemplar o processo formativo pela escrita proposto pelo presente trabalho.¹²

Primeira (auto)narrativa

A primeira narrativa inicia-se em um contexto ainda da infância, no qual evoco uma figura familiar para relatar como construí minhas primeiras noções da vida acadêmica e como essas noções tornaram-se complexas nos últimos 13 anos. A irmã, mais velha, “há pouco matriculada em ciências biológicas”, aparece na narrativa como referência: é ela quem me apresenta o trabalho de conclusão de curso: “para se formar deveria fazer o tal TCC”. Contudo, ela aparece, também, como forma de expressão da individualidade, o que causou encantamento e questionamentos sobre a natureza de tal trabalho: “deveria fazer um trabalho sobre qualquer tema relacionado a faculdade de seu interesse, e escrever um texto tão longo quanto um livro, que seria encadernado e pra sempre exposto na biblioteca do seu campus.” Na narrativa, é possível identificar o desconhecimento no resgate da memória aos onze anos de idade da distinção de licenciatura e do bacharelado, bem como uma generalização do trabalho do biólogo. Apesar disso a expressão da individualidade e a indissociação da escolha do tema com o interesse pessoal, fez-nos supor que ela escolheria como objeto de pesquisa um tema que tivesse, a seu ver, forte relação afetiva. “Eu que mal sabia o que era licenciatura, imaginei que ela teria pesquisado sobre cavalos, já que era bióloga e esse era seu animal favorito”. O trabalho sobre educação ambiental proporcionou o contato com conceitos que construiria no decorrer dos anos, não apenas nos ambientes formais de aprendizagem, tais como a sala de aula, mas, também, em uma diversidade de espaços formativos. A narrativa mostra que o GEPAC é interpretado como um ambiente de estudo (e.g., o uso do termo estudante) e como minha relação com o Grupo configura-se pelas oportunidades de aprendizagem e de debate com os diversos sujeitos do Grupo. Conclui a análise a percepção de que, “no último ano do mesmo curso de licenciatura, tais conceitos do universo acadêmico já são claros. Não apenas nas disciplinas obrigatórias e optativas do curso, mas também em outros espaços, proporcionados também pela minha participação como estudante do GEPAC, me proporcionaram oportunidades para aprender e debater conceitos e temáticas relativas à profissão do professor em suas diversas nuances, com profissionais, estudantes e pesquisadores da área”.

¹²Nos comentários, os trechos em itálico (e entre aspas) indicam recuperações de trechos das narrativas, aos quais se referem; trechos sublinhados, aspectos luminosos, os quais buscamos evidenciar no resgate da narrativa.

Segunda (auto)narrativa

O vínculo com o Grupo de pesquisa acontece ao cursar uma disciplina optativa, ministrada pelo professor, que, hoje, é meu orientador. A narrativa anterior demonstra que a construção do conceito de pesquisa teve como elementos centrais a relação com a área de atuação e o interesse pessoal, da pesquisadora, pelo objeto, e no espaço da disciplina optativa, que possibilitou o contato com o Grupo de pesquisa encontrei norteamento para escolher os objetos de pesquisa com os quais me relacionei. “Os alunos matriculados na disciplina, em parceria com o GEPAC, se dispuseram a fazer parte da organização de um evento [...] que trouxe como temática os desafios curriculares da escola frente a diversidade de pessoas e culturas”. No evento em questão, ocorreu um cine-debate mediado pelos membros de um coletivo do qual fiz parte, e ministrei um minicurso de pedagogia queer e currículo. Classifiquei na narrativa, a experiência de preparar e de participar dos minicursos como intensificadores do grau de significado formativo, atribuído a minha participação no evento; “foi no preparo e participação destes que a experiência do evento se fez ainda mais significativa em minha formação.” A disciplina e a organização do evento contribuíram para construção de base teórica sobre assuntos não explorados e vida pessoal, e, no contato intensivo com o Grupo, tive a oportunidade de iniciar meu primeiro projeto de pesquisa. O evento aparenta ser também o primeiro contato com professores da rede e com alunos de outros cursos no contexto acadêmico. Mesmo porque, eu “[...] não estava familiarizada com o termo queer, muito menos com sua pedagogia [...] tive também muito amadurecimento durante o minicurso em si. O contato com professores já atuantes e com alunos de outros cursos, com outras vivências, foi muito enriquecedor [...]”. “Além de me vincular ao Grupo de pesquisa, o evento me fez encantar pela área de currículos, em especial no que diz respeito as áreas de diversidade, o que me levou a no ano seguinte participar do projeto Diversidade nos currículos prescritos e moldados do ensino médio de uma escola pública paulista de ensino integral [...]”. Revisitar a segunda narrativa evidenciou o caráter temporal pelo qual os temas abordados são, inconscientemente, organizados, bem como o desenvolvimento gradual do envolvimento com a pesquisa em ensino e em educação.

Terceira (auto)narrativa

A terceira narrativa trata de duas viagens ao Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino (ENDIPE) nos anos de 2016 e de 2018. A narrativa explicita que, antes do vínculo com o Grupo de pesquisa, não havia incentivos ou oportunidade de participar de eventos de grande proporção. “Eu apesar de estar cursando na época o

quinto ano da faculdade, nunca havia participado de um encontro dessa magnitude, além de não ter praticamente nenhuma experiência na ocasião com a escrita acadêmica". Em decorrência do evento, meu orientador propôs que, em conjunto com outras alunas do Grupo, escrevesse um pôster, relatando a experiência com impactos na dimensão afetiva, compreendida como uma responsabilidade que dependia de comprometimento. Este trabalho foi "[intitulado Questões de gênero e sexualidade na escola de ensino integral. Foi muito prazeroso o processo de escrever com os demais coautores o trabalho em questão, e me comprometer com a pesquisa, além de treinar uma escrita mais crítica e acadêmica."

Complementa a análise da rotina do Grupo, o comentário a seguir. "Tais competências são constantemente estimuladas no Grupo de pesquisa, em exercícios mensais a que nos propomos quando os membros do Grupo têm a oportunidade de apresentar seus projetos de pesquisa, bem como pesquisas já finalizadas para que os demais façam apontamentos e críticas construtivas dos projetos em questão."

Quanto à contribuição teórica e cultural do evento, "pude assistir diversos painéis e palestras de pesquisadores competentes e comprometidos com a educação, além de ter acesso a uma vasta exposição de livros de editoras da área com temáticas atuais sob uma ótica de muita criticidade. Conheci ainda pessoas e cenários culturais da cidade de Cuiabá."

O ENDIPE de 2018 foi relatado na narrativa com muita ênfase na esfera emocional e afetiva, em decorrência dos diversos anos transcorridos desde o primeiro contato com o Grupo, que aproximou a relação com os colegas de Grupo. De acordo com a narrativa, participar do evento, "fez pensar na relação que construí com o Grupo de pesquisa ao longo dos últimos anos. O Grupo, agora com mais participantes de áreas diversas, contribuiu durante a viagem para minha formação e para meu desenvolvimento pessoal."

A respeito das contribuições do Grupo, aparecem relatos de incentivos a inscrição no processo de seleção de mestrado, seja pela oralidade ou pela indicação de referenciais teóricos, "em conversas informais com o Grupo ouvi conselhos relacionados a formação acadêmica, como os constantemente incentivos para me candidatar ao processo de seleção do programa de mestrado que se iniciaria no mês seguinte, ao qual alguns membros do Grupo estão vinculados, e ainda as indicações de bibliografias (até mesmo por meio de empréstimo de livros), de metodologias para construção do projeto, e de análise de dados." Não apenas no sentido acadêmico, o Grupo também se configura como "[...] um espaço de socialização e aceitação, onde fiz para além de colegas de pesquisa, fiz amigos, que são também muitas vezes parcerias com as quais posso contar quando surgem necessidades em outros espaços de atuação."

“A viagem a Salvador foi também um marco na minha vida pessoal, que irá sempre ecoar em minha vida acadêmica e profissional.” No último trecho, destacam-se as marcas da viagem em minha vida, as questões afetivas observadas durante a viagem, relativas a desigualdades sociais, e o contato com a diversidade. Considerando que esses temas são centrais em minha vida, compreendo o porquê de tais questões aparecem de forma tão expressiva na narrativa, de forma que a vivência e a reflexão sobre os acontecimentos fazem parte da minha formação. “O contato, desde com o estado da Bahia e de Minas gerais no trajeto percorrido a ônibus que ilustrou a desigualdade social do país, até com os espaços culturais e históricos da cidade de Salvador, como os museus, o pelourinho, templos religiosos, mercados, fortes e outros monumentos, me permitiram contemplar a diversidade cultural do país, bem como me sentir parte dela”.

Quarta (auto)narrativa

A quarta narrativa trata das discussões de projetos de pesquisa que acontecem no Grupo. É evidenciado o caráter coletivo da construção da pesquisa, bem como do processo de formação do pesquisador. A participação no Grupo é uma “oportunidade que permite expandir o processo de lapidação do projeto que não mais se restringe a relação orientador-aluno, mas irá englobar pesquisadores e alunos de outras áreas, cursos, vivências, enriquecendo dessa forma o processo formativo intrínseco à ação de pesquisar.”

Fica claro que tais momentos contribuem para conhecer diversos olhares da pesquisa, descritos como “momentos teoricamente densos, por assim dizer, além de carregarem pesadas bagagens ideológicas e políticas.” A apresentação dos projetos deixa claro, então, a natureza do Grupo: um espaço associativo das bagagens ideológicas do pesquisador nos problemas de pesquisa e nas escolhas de referenciais teóricos. Em outro trecho, menciono a visão de pesquisa do Grupo, que também se constrói em mim de valorizar o processo: “tendo em vista a naturalidade com a qual é tratada a ação da pesquisa e a valorização do processo em si em detrimento da cega busca por resultados.”

Apresento na narrativa os projetos nos quais atuei como parte de minha identidade, e o contato com a pesquisa do Grupo como um facilitador da construção de projetos no qual atuo “A participação indireta como parte do Grupo, na construção do projeto dos demais, possibilita o processo de escrever com maior segurança meus próprios projetos.” Em relação à indissociação do pesquisador com a pesquisa, essa perspectiva fica clara quando relato que os projetos são construídos coletivamente e

modificados quando em caráter de continuidade de forma a representar o autor da pesquisa.

“Mesmo quando me foi proposto dar continuidade ao trabalho de outra orientada, foram incontáveis as horas de orientação para que eu pudesse modificar o projeto de forma que me representasse, além das apresentações das propostas ao Grupo que me garantiram ricos comentários, correções e sugestões e, talvez mais importante que isso, que me apropriasse de tais projetos que se constituíram como parte de minha identidade.”

Quinta (auto)narrativa

A quinta e última narrativa trata da minha atuação no Nugens e deixa claro como minha relação com minha formação e com a atuação acadêmica constituem-se de acordo com minha identidade e com minha autodeterminação pessoal. *“Percebo minha atuação no Nugens como a culminância de minha trajetória aprendendo e pesquisando sobre diversidade na graduação.”*

A narrativa evoca a experiência formativa no Coletivo Vaca Profana e a participação do Grupo de pesquisa e de projetos vinculados a ele, pontuando como minha relação com o Núcleo compôs, inclusive minha grade curricular obrigatória, quando o espaço criado pela ação de projetos de extensão na escola possibilitou a realização do estágio de regência obrigatório. *“No projeto “Mulheres na Ciência – Desconstruindo estereótipos de gênero”, desenvolvido no decorrer do ano letivo de 2018 com alunos de duas escolas de ensino médio em Ilha Solteira, desenvolvi parte do estágio obrigatório de planejamento e desenvolvimento de aulas.”*

A experiência, para além da obrigação curricular, ilustrou a necessidade do desenvolvimento de projetos, voltados para a diversidade nas escolas, *“devido ao caráter contínuo e participativo do projeto senti que realizar o estágio foi uma tarefa agradável, na qual me aproximei da comunidade escolar e percebi na prática a importância da discussão e problematização das categorias de gênero e sexualidade no ambiente escolar, devido aos diversos relatos de casos de homofobia, relacionamentos abusivos e assédio sexual dos estudantes da escola, que vivenciam essas situações de violência cotidianamente.”*

O Núcleo é relatado como um espaço de formação e socialização, e, para além disso, são discutidas interpretações pessoais da importância do Nugens, bem como do Nabisa no ambiente acadêmico, que vem *“se consolidando dentro de uma universidade que não tinha espaço para o debate questões identitárias a poucos anos atrás, tradicionalmente sexista onde o machismo e os estereótipos são naturalizados e amplamente reproduzidos em sala de aula e nos corredores, onde até mesmo*

professores faziam (e ainda fazem) comentários preconceituosos. Esses núcleos são espaços onde os alunos podem se sentir acolhidos, onde podem ajudar outros alunos em condições de violência, seja por meio do acolhimento, da representatividade, do acompanhamento de denúncias via ouvidoria, ou das ações educativas desenvolvidas."

“PENETRO, AGARRO, AUSCULTO, APRENDO, INVADO / NOS PAROXISMOS DA HIPERESTESIA, / O INFINITÉSIMO E O INDETERMINADO...”¹³

Para quais rumos as memórias me guiam? Quais as aprendizagens manifestadas da história recuperada? Propomos, então, um processo de elaboração imagética da própria experiência de formação, sintetizada na Figura 1.

Figura 1 – Síntese esquemática (imagética) da experiência de formativa de uma professora em formação no âmbito do Grupo de pesquisa



Fonte: elaborado pelos autores.

O Grupo do qual faço parte, nos últimos quatro anos, proporcionou-me uma experiência de formação, tal como eu fiz parte da experiência de formação do próprio Grupo, em um processo de natureza dialética que engloba aspectos formativos descritos no quadro, identificados por meio da análise das narrativas e das respostas do

¹³ Trecho de "Ao luar", de Augusto dos Anjos.

formulário destinado a outros membros constituintes do Grupo, que relataram experiências e memórias similares nas respostas categorizadas em frequência já apresentadas. A experiência de formação que acontece no Grupo depende ainda de elementos que se constituem fora da minha experiência direta com o Grupo, quais sejam, as dinâmicas de Grupo, a agenda formativa e os conceitos de formação e a instituição no qual esse se constrói.

Elementos de socialização e de coletividade são observados no modo como o Grupo configura-se e, também, na participação coletiva do Grupo na construção dos projetos de pesquisa dos pares e no ambiente de socialização que oferece aos participantes por meio das reuniões mensais, das viagens a congressos e das confraternizações, nas quais uma rede de apoio para enfrentamento das tensões da docência e da pesquisa é constituída. Laços afetivos são criados a partir do convívio, no Grupo e nos seus núcleos. Tal quadro configura-se tendo como base as dinâmicas de Grupo instituídas e aos conceitos de formação e agenda formativa propostas.

As aprendizagens da pesquisa e da docência constroem-se no ambiente do Grupo, a partir do convívio e do diálogo. Esses estabelecem-se entre pesquisadores, entre professores em exercício e em formação inicial, construindo uma compreensão coletiva da pesquisa e da docência. Essas também são parte da agenda formativa do Grupo e indissociável dos conceitos de formação que o permeiam.

Parte da agenda formativa do Grupo, o aprofundamento teórico da experiência de formação dos membros do Grupo indissocia-se das demais experiências vivenciadas, além de acontecer, também, durante os estudos e as discussões coletivas de obras selecionadas. Ocorre, ainda, o aprofundamento teórico de temáticas específicas de pesquisa durante a participação em eventos, nos quais o contato com pesquisadores externos é viabilizado.

A percepção de si, nas esferas pessoal e profissional/acadêmica, ocorre, também, no espaço do Grupo. Espaço esse que proporciona leituras e discussões de empoderamento e de emancipação, ecoando ou constituindo, como base, a prática educativa ou de pesquisa dos sujeitos do Grupo. O Grupo, então, constitui-se como um espaço que visa à autodeterminação e ao cultivo de si como preceito de pesquisa e de motivação para o envolvimento com as atividades e com os núcleos que surgem a partir do Grupo.

“QUIS COMPREENDER, QUEBRANDO ESTÉREIS NORMAS, / A VIDA FENOMÊNICA DAS FORMAS, / QUE, IGUAIS A FOGOS PASSAGEIROS, LUZEM...”¹⁴

Percebemos, em minha trajetória pessoal, justaposta às trajetórias expostas por outros membros, que o Grupo foi elemento-chave para minha formação durante a Graduação em Licenciatura em Ciências Biológicas: desde a opção pela modalidade licenciatura até meu envolvimento e minhas escolhas de caminhos na pesquisa. Iniciei meu contato com o Grupo a partir de uma disciplina optativa. Desse primeiro contato, comecei a construir uma base teórica para delinear quais questões me moviam como mulher, como professora e como pesquisadora. Envolvi-me com projetos de pesquisa, nos quais pude me empoderar e ressignificar o papel e a importância da educação para a diversidade em minha vida. Atuei em projetos de extensão universitária, nos quais pude contribuir para efetivação de discussões ocorridas nos espaços do Grupo, e encontrei ainda um espaço de coletividade, no qual conheci pessoas e histórias que, hoje, embaraçam-se com a minha. O processo de elaboração de narrativas e, posteriores análises, foi o que concretizou, em minhas memórias, minha relação com o Grupo, permitindo que eu compreendesse de que forma esse me constituiu e contribuiu para minha formação e de que forma eu trilhei um caminho na minha formação alinhado com os elementos da minha identidade.

Acredito que fazer parte do Grupo de pesquisa possibilitou-me olhar para a docência e para a pesquisa por uma perspectiva mais elaborada, a partir do convívio com o outro e da construção de conhecimentos. Quando entro em uma sala de aula e deparo-me com uma turma heterogênea de alunos, carrego, comigo, todas as discussões e as leituras que realizei durante minha formação. A maneira como esses conceitos se relacionam com minha identidade influenciam em minha prática docente, sendo, ao menos para mim, impossível considerar uma prática imparcial dentro da escola, composta por sujeitos subjetivos, vivos, mutáveis e plurais.

O Grupo também mudou meu olhar sobre o mundo. Quando ando nas ruas, quando estou no trabalho, quando converso com amigos, penso, ainda que sem verbalizar, quais as possibilidades de pesquisa das situações que se apresentam, e rascunho, mentalmente, objetivos de pesquisa e possíveis caminhos metodológicos que atendam essa demanda. Voltando esse olhar para a escola, durante minha atuação no último ano nos projetos de extensão do NUGENS, e levando em consideração minha experiência pessoal com o presente trabalho, delineei meu projeto de pesquisa para

¹⁴ Trecho de “Monólogo de uma sobra”, de Augusto dos Anjos.

meu mestrado acadêmico. Pretendo auxiliar no processo de constituição de um Grupo colaborativo, nos quais professores da rede e em formação inicial possam discutir e elaborar por meio de (auto)narrativas, questões relativas à diversidade com as quais se deparam no cotidiano escolar. Acredito no potencial formativo de narrar, de ler, reler e ressignificar, acredito ainda que o professor pode e deve se inserir como parte e autor de pesquisas, sem deixar de lado elementos de sua subjetividade, da mesma forma que acredito que Grupos com ideais em comum, espaços de coletividade, contribuem não só para nossa formação e constituição pessoal, mas para o nosso bem-estar pessoal e em sociedade.

REFERÊNCIAS

ALVES, C. J. G.; CALSA, G. C.; MORELI, L. S. Narrativas biográficas: a formação docente do ponto de vista do aprendiz. **Construção Psicopedagógica**, São Paulo, v. 23, n. 24, p. 77-89, 2015. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cp/v23n24/07.pdf>. Acesso em 14 jul 2020.

ANJOS, A. **Eu e outras poesias**. 42. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

ARAUJO, B. R. Autonarrativas: tecendo redes entre os conceitos de autoria, complexificação e autoconstituição do humano. In: GABRIEL, R.; FLÔRES, O. C.; CARDOSO, R. **Tecendo conexões entre cognição, linguagem e leitura**. Curitiba: Multideia Editora Ltda, 2014. p. 355-368.

BOLIVAR, A. B. 'De nobis ipsis silemus?': epistemologia de la investigación biográficonarrativa en educación. *Revista Electrónica de Investigación Educativa*, Barcelona, v. 4, n. 1, p. 1-26, 2002. Disponible en <https://redie.uabc.mx/redie/article/viewFile/49/91>. Acceso en 14 jul 2020.

CAVALCANTE, J. J.; SILVA, E. P.; CAVALCANTE, F. L. Método (auto)biográfico e a pesquisa formação. 6º Congresso Ibero-americano em Investigação Qualitativa. **Atas – Investigação Qualitativa em Educação**, Fortaleza, v. 1, p. 1688-1697, 2017. Disponível em <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2017/article/view/1522/1479>. Acesso em 14 jul 2020.

FLUSSER, V. **A escrita: há um futuro para a escrita?** São Paulo: Annablume, 2010.

GASTAL, M. L. A.; AVANZI, M. R. Saber da experiência e narrativas autobiográficas na formação inicial de professores de biologia. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 21, n. 1, p. 149-158, 2015. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/ciedu/v21n1/1516-7313-ciedu-21-01-0149.pdf>. Acesso em 14 jul 2020.

GASTAL, M. L.; AVANZI, M. R.; ZANCUL, M. S.; GONSALVES, E. P. **Iniciação a pesquisa científica**. Campinas: Alínea, 2001.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan/fev/mar/abr 2002. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>. Acesso em 14 jul 2020.

SANTOS, H. T.; GARMS, G. M. Z. Método autobiográfico e metodologia de narrativas: contribuições, especificidades e possibilidades para pesquisa e formação pessoal/profissional de professores. CONGRESSO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE

PROFESSORES, 2.; CONGRESSO ESTADUAL PAULISTA SOBRE FORMAÇÃO DE EDUCADORES, 12., 2011, Águas de Lindóia. In: **Anais 2. Congresso Nacional de Professores 12. Congresso Estadual sobre Formação de Educadores...** São Paulo: UNESP; PROGRAD, 2014. p. 4094-4106 Disponível em <http://hdl.handle.net/11449/141766>. Acesso em 14 jul 2020.

UNESP. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Engenharia de Ilha Solteira. **Projeto pedagógico do Curso de Ciências Biológicas – modalidade licenciatura.** Ilha Solteira. 2011. Disponível em https://www.feis.unesp.br/Home/DTA/STG/cursos/biologia/Projeto_pedagogico_atualizada.pdf. Acesso em 14 jul 2020.